

MEDIAÇÕES NOS ESTUDOS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Solange Puntel Mostafa
Doutora, Vice-coordenadora do Mestrado em Educação
da Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI (SC),
smostafa@terra.com.br

Resumo: As dimensões epistemológicas (como vamos conhecer) aliadas às dimensões ontológicas (o que é isto a ser conhecido) produzem movimentos de aproximação e de distanciamento entre as áreas; a aproximação de campos disciplinares como a Comunicação Social e a Ciência da Informação no período entre 1950 e 1990 foi realizada tendo em vista potencializar zonas de possíveis invenções/criações nos seus entremeios. As teorias da Comunicação e da Informação foram pensadas através da categoria da mediação num mesmo viés epistemológico da abordagem histórico cultural como estratégia de aproximação entre a Comunicação Social e a Ciência da Informação nas matrizes teóricas de Vygotsky, Barbero e Hjörland.

Palavras-chave: teorias da recepção; abordagem histórico-cultural; análise de domínio

Abstract: The epistemological dimensions (how to know the world) together with ontologic dimensions (what is that to be known) create movements of proximity and distance between fields; the proximity of disciplinary fields as Social Communication and Information Science during the period between 1950 and 1990 was conducted to potencialize zones of inventions and creation in its *intermezzo*. Theories of Communication and Information were thought by the category of mediation of historic cultural approach as strategy of approximating Communication and Information fields by theoretical matrices as that of Vygotsky, Barbero and Hjörland.

Keywords: reception theories; cultural historic approach; domain analysis

1 TEORIAS DA COMUNICAÇÃO E DA INFORMAÇÃO

A comparação dos campos disciplinares da Comunicação e da Ciência da Informação, nas décadas entre 1950-90 do último século revela caminhos que às vezes se aproximam e outras se distanciam em movimentos dispersos. Isto porque os paradigmas, entendidos de maneira ampla como estratégias de produção de conhecimentos se atualizam em dimensões diferenciadas no interior do próprio campo e entre os campos. Assim as dimensões epistemológicas (como vamos conhecer) aliadas às dimensões ontológicas (o que é isto a ser conhecido) produzem movimentos de aproximação e de distanciamento entre as áreas. Faremos um exercício de perceber esses movimentos nas duas áreas em questão para potencializarmos zonas de possíveis invenções/criações nos seus entremeios.

| COMUNICAÇÃO | CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO |
|---|--|
| <ul style="list-style-type: none">• 40/50 Cibernética e TMI• 70 - Usos e Gratificações• Marxismo da Escola Frankfurt• 80 - Marxismo renovado dos estudos culturais (Gramsci)<ul style="list-style-type: none">○ Inicia compreensão de recepção• 90 Aprofunda metodologias de recepção | <ul style="list-style-type: none">• 40/50 Cibernética e TMI• 70 - Estudo de Usuários• Sem Escola de Frankfurt• 80 Usuários renovados na abordagem Sense Making<ul style="list-style-type: none">○ Inicia fala da Interdisciplinaridade• 90 Inicia análise de domínio |

Quadro I: Teorias da Comunicação e da Informação a partir de 1940-

Os campos da Comunicação e da Informação se constituíram ao lado da Cibernética (1947), da Teoria da informação (1948) e da Teoria de sistemas (1951); a década de 70 inaugura metodologias para estudar receptores (na comunicação a teoria chamou-se Usos e Gratificações) ou usuários (na ciência da informação) de maneira marcadamente funcionalista, típica da época; em fins da década de 80 os comunicadores viram-se diante de uma proposta de passar da análise dos meios às mediações na virada da recepção através da obra de Martín-Barbero (1987) já com aportes gramscianos enquanto a Ciência da Informação conhece as teorizações de Dervin & Nilan (1986) em texto referência do ARIST, definindo conceitos como ‘necessidades de informação’ e formas de entendê-las, com a categoria do indivíduo piagetiano na abordagem Sense Making. Portanto as áreas de Comunicação e Ciência da Informação estiveram mais próximas em seus referenciais teóricos nas décadas de 50 a 70 do que propriamente na década de 80; delinea-se nos anos 70 algumas fissuras entre as duas áreas que só se mostrarão plenamente realizadas em fins dos anos 80; fissuras ou dispersões discursivas provocadas por aportes teóricos bastante diferenciados: as teorizações da Escola de Frankfurt assumidas pela área de Comunicação como sendo basicamente as contribuições de Adorno no texto de 1947 sobre a Indústria Cultural, texto que passou despercebido entre os cientistas da informação na mesma época.

A proposta de Martín-Barbero veio possibilitar uma virada de interpretação em relação aos meios de comunicação entendidos até então como indústria cultural; portanto a área de Comunicação esteve durante as duas décadas de 70 e 80 já envolvida com o marxismo da Escola de Frankfurt que a proposta de Martín-Barbero veio superar através do marxismo gramsciano renovado nos estudos culturais enquanto que a Ciência da Informação esteve durante essas

mesmas décadas sem experiências teóricas críticas; assim, a Ciência da Informação atravessou os anos 70 e 80 com uma teorização mais ligada ao cognitivismo construcionista piagetiano em abordagens do tipo “Sense Making”, causando déficits de compreensão histórico estrutural ou histórico cultural dos fenômenos informacionais; apenas nos anos 90 um certo materialismo emergiu na Ciência da Informação através dos trabalhos de Hjörland (1995) sobre o conhecimento como um domínio de área mais do que um domínio individual de produção de sentido, como supunha a abordagem ‘Sense Making’. Assim, o movimento teórico dos campos em questão foi visualizado no quadro proposto.

Um delineamento mais específico deste quadro pode ser alcançado, no caso da Comunicação pela análise dos trabalhos de recepção e suas tentativas de objetivar as mediações propostas por Martín-Barbero, a saber: cotidianidade familiar, temporalidade social e competência cultural; no caso da Ciência da Informação é possível discutir as possibilidades epistemológicas do domínio como mediação, buscando aproximações com a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural. Isto porque, na proposta de domínio de Hjörland, a materialidade discursiva desponta mais como estrutura do que como acontecimento, conferindo aos textos especializados das áreas de conhecimento (domínio) um certo ar de texto-rei próprio às análises semióticas de autonomia da obra. Sem enfrentar a recepção na outra ponta; o autor dispensa estudos de usuário de informação por acreditar na materialidade dos textos a comandar o sentido dos mesmos e lamenta que as pesquisas em Ciência da Informação estão mais direcionadas aos estudos de usuários do que aos textos ou à base de conhecimento como relatado por Hjörland (2004).

2 MEDIAÇÕES EM MARTÍN-BARBERO

‘Dos meios às mediações’ é a passagem proposta por Martín-Barbero em fins da década de 80 no Brasil e América Latina. As mediações são para Martín-Barbero:

[...]esse ‘lugar’ de onde é possível compreender a interação entre o espaço da produção e o da recepção: o que se produz na televisão não responde unicamente a requerimentos do sistema industrial e a estratégias comerciais mas também a exigências que vêm da trama cultural e dos modos de ver. (MARTÍN-BARBERO, 1992:20)

A partir dessa marcante obra os comunicadores brasileiros e da região passaram a ter uma nova compreensão da cultura popular e da cultura de massa como algo diferente de “indústria cultural” tão em voga nas décadas anteriores.

A partir deste livro, a Comunicação no Brasil e região nunca mais foi a mesma. Estava aberto um novo campo de pesquisas, agora voltado à recepção dos produtos midiáticos e à cultura como um campo de negociação de sentidos. Uma idéia recorrente para os estudos de recepção é a de que os receptores se apropriam dos produtos (textos, imagens) e atribuem a eles novos significados; instaura-se, neste processo, uma lógica dos usos, que incorpora os objetivos dos produtores, mas atribui, pelo uso, um novo significado aos produtos.

Assim, os estudos de recepção preconizam que a comunicação se efetiva por meio de **interações**; a comunicação, assim concebida, se organiza a partir da emergência de um “outro”; a comunicação se apresenta como **pergunta**, como **interpelação** e não como via de “mão única”, o que supõe um contrato, um laço, uma ligação que une os produtores aos receptores (BORELLI, 2001) .

Como afirma Martín-Barbero, “o massivo foi gerado lentamente a partir do popular” ((MARTÍN-BARBERO, 1987 p.180); assim, o autor apresenta a gestação dos meios de

comunicação no processo que vai do folclore ao popular: a literatura de cordel no século 17, o almanaque no século 18, o melodrama ou espetáculo popular também do século 18, o circo ambulante até chegar no jornal ilustrado do século 19, o folhetim. Será o jornalista que fará a mediação entre as massas e os conteúdos populares do romance através do jornal ilustrado, o folhetim do século 19.

O folhetim será “o primeiro tipo de texto escrito em formato popular de massa” (MARTÍN-BARBERO, 1987 p.181). O autor descreve em detalhes as características do folhetim consoante as características da leitura popular, uma leitura pouco densa, fragmentada separada por títulos e subtítulos, capítulos e sub-capítulos, com estrutura narrativa aberta, permitindo leituras contínuas, apesar de fragmentadas, gerando nas massas o sentimento de duração, o que permitiu ao leitor passar do conto para o formato-romance. O folhetim está na origem das telenovelas atuais.

Uma tal inserção histórica possibilitou ao autor definir “cultura de massas” como algo completamente diferente do seu sentido massificado de meios de comunicação. Segundo Martín-Barbero o que se passa quando as massas emergem precisa ser compreendido nos movimentos de rearticulação da hegemonia, que desde o século 19 vem “fazendo da cultura um espaço estratégico par a reconciliação das classes e a reabsorção das diferenças sociais.

Para a análise do século 20, o autor muda de hemisfério da Europa para os Estados Unidos, indo analisar os alegres anos 20 nos EEUU, com a decadência do cinema europeu ao final da I Guerra Mundial e a supremacia americana. A partir daí a história é mais conhecida: o populismo brasileiro entre os anos 30 e 50; o modelo de substituição de importações a partir do anos 60 com concessões privadas de canais de comunicação e o papel do cinema latino americano despontando com a necessidade das massas de se tornarem visíveis socialmente . É o que faz Coutinho afirmar sobre a cultura brasileira de massa:

A década de 30 não significou apenas um período de transição político-econômica, selando a derrocada da Velha República e o processo de industrialização, mas também um momento de consolidação da cultura de massa no Brasil. São marcos dessa cultura produzida em moldes industriais o advento da gravação elétrica (1927), a liberação da publicidade nas rádios (1932), que daria início a uma fase industrial da radiodifusão; o cinema falado (1929), que impulsionou consideravelmente a indústria cinematográfica; e o início dos desfiles das escolas de samba (1932) (COUTINHO, 2003)

No entanto, para o autor, cultura de massa não é algo que surge nos anos 30 como conseqüência dos novos meios de comunicação mas um processo longo e lento de gestação do mercado, do Estado e da cultura nacionais. O autor identifica já no século XIX no Brasil indícios de uma cultura de massa no Rio de Janeiro: ...“basta pensar nas sociedades carnavalescas que darão origem às escolas de samba e nos folhetins que estão na raiz das tele-novelas atuais” (COUTINHO, 2003). Mas a história brasileira registra um mercado consumidor, o surgimento do Estado Nacional e a própria indústria cultural se consolidando, a partir dos anos 1920.

Pensando então o popular a partir do massivo, Martín-Barbero (1987 p.233-239) vai apontar três mediações que considera importante na relação da televisão com o público: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural. Segundo Ronsini (2001):

[...] a temporalidade social parece ser a menos desenvolvida até agora, uma vez que a competência cultural (termo cunhado por Bourdieu) tem sido estudada sob diferentes aspectos - o da etnia, gênero, classe, identidades regionais, etc - e a cotidianidade familiar, uma das categorias mais enfatizadas nas pesquisas de recepção. (RONSINI , 2001)

3 MEDIAÇÕES EM VYGOTSKY

Perguntas endereçadas à obra de arte tiveram respostas, no começo do século vinte, de autores materialistas como Vygotsky (2001) ao estudar a lei da reação estética, antes mesmo da elaboração de sua concepção histórico cultural registrada nos manuscritos de 29; os estudos da psicologia da arte datam de 1926 e no cerne desses estudos está a compreensão da autonomia da obra; a obra-rainha de Vygotsky foi seguida de uma concepção histórico cultural do desenvolvimento humano onde Vygotsky (1984;1987) detalha os princípios da dialética indivíduo-sociedade. Como em todos os marxismos, a mediação é instrumental; Vygotsky vai assim identificar os dois instrumentos universais através dos quais os homens se relacionam com o mundo e entre si: os meios técnicos (tecnologia) e os meios simbólicos ou semióticos, isto é, a linguagem. Entre ambos, há semelhanças e diferenças nas formas como esses instrumentos medeiam as relações. Como aponta Pino (2003 p. 288) ‘há uma cumplicidade entre o signo (meio simbólico) e a matéria ou meio técnico que lembra a relação entre matéria e forma de Aristóteles : ... “a idéia de ‘cortar’ dá forma à ‘pedra lascada’, ao mesmo tempo que a ‘pedra lascada’ materializa a idéia de ‘cortar’” (PINO, 2003, p. 288) . O comum entre ambos é o ato de mediar. A principal diferença entre instrumentos técnicos e instrumentos simbólicos é aquilo que já foi também apontado na economia da informação: “os artefatos técnicos, uma vez fabricados, ou são destruídos ou são substituídos por outros, os meios semióticos são continuamente recriados pelo seu próprio uso; a ferramenta permanece, a palavra muda em função de quem a emite e de quem a recebe” (PINO, 2003, p. 288)

O conceito de mediação semiótica teorizado por Vygotsky nos manuscritos e obras subseqüentes já mencionadas, praticamente, se circunscreve no sistema de signos da linguagem verbal. Os pesquisadores da atualidade trabalham o desenvolvimento desse conceito nas outras modalidades sígnicas - imagem, som, gestos, entonação e outras manifestações não verbais porque elas também produzem significado. Os processos simbólicos serão por isso temas da abordagem histórico cultural iniciada por Vygotsky com alguma repercussão na Ciência da Informação nos trabalhos de Hjörland.

4 MEDIAÇÕES EM HJÖRLAND

Para Hjörland a produção de conhecimento se faz mediada pela materialidade dos textos e suas condições de produção; nisto ele se reconhece herdeiro da escola de Vygotsky, identificando sua análise de domínio com a teoria de atividade de Leontiev, autor do grupo da escola de Vygotsky. Chamando sua abordagem de objetiva, a análise de domínio baseia-se na estrutura e organização do conhecimento, nos padrões de cooperação das comunidades discursivas, em suas linguagens documentárias e nos elementos de recuperação das informações.

Faz parte das condições de produção dos textos, as comunidades discursivas geradoras dos mesmos e os outros textos, isto é, a base documental chamada de materialidade discursiva bem como o vocabulário controlado que representa esses textos. O domínio da área é portanto uma rede ampla de pessoas, textos e códigos de linguagem (linguagens documentárias), seja para a organização do conhecimento seja para a sua recuperação.

Nota-se que Hjörland usa expressões da sociologia marxista como ‘divisão do trabalho’ e a própria noção de ‘atividade’ identificada à noção de ‘trabalho’, categoria central do marxismo clássico. O deslocamento operado por Leontiev ao identificar a atividade como unidade de análise não ajuda, antes obscurece a radical novidade trazida por Vygotsky sobre o problema central do significado dado pela linguagem (a palavra como unidade de análise) na formação

cultural do homem. Em Hjörland o significado é mediado pelo domínio e/ou pela comunidade dos falantes produtores de textos e técnicas construtores do domínio; por isto, instrumentos, conceitos, significado, estruturas de informação, necessidades e critérios de relevância, tudo isto é formatado pelas e nas comunidades discursivas, não sendo opção ou necessidade individual de ninguém; as necessidades individuais obedecem a essas regras da comunidade e/ou do domínio. Por isso a teoria da atividade que fala, a um só tempo em sujeitos, objetos, instrumentos, comunidade e divisão de trabalho serve aos propósitos de uma teorização sócio-cultural de base materialista. Em termos genéricos, mediação é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação, que deixa de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento; assim, a produção do conhecimento se dá mediada pela comunidade e seus instrumentos teóricos e técnicos. A Ciência da Informação estuda assim, comunidades e seus processos de geração e uso da informação, em domínios específicos.

5 COMO ESTUDAR O DOMÍNIO?

Exercícios de revisão da literatura acerca do conceito de informação ou da própria Ciência da Informação são exercícios estéreis de boa parte dos trabalhos do V ENANCIB no gt Epistemologia; é preciso caminhar em direção às materialidades das práticas. Fundados em pressupostos ontológicos, aqueles exercícios voltam-se para a origem das coisas ou suas causas últimas, com perguntas do tipo ‘o que é o mundo’ ou ‘o que é Isto’ (o que é ciência da informação ou o que é informação). Deleuze nos tira do impasse com sua filosofia da diferença onde aquelas perguntas devem ser evitadas por repetirem a divisão entre vida e pensamento, entre imanência e transcendência, convidando-nos então a pensar o mundo pelo lado de fora. Sempre acreditando na exterioridade dos acontecimentos e nunca por dentro; pensando por linhas, pensando por superfície, pensando por fluxos e por afetamentos. Nunca por representação, modelos ou interioridade. O jeito platônico de ser, ao mesmo tempo em que funda a transcendência das idéias também funda a interioridade, ser e aparência. O rizoma seria então este anti-módulo de filosofar por onde pensar as conexões, as heterogeneidades, as multiplicidades, as rupturas a-significantes e finalmente, pensar as cartografias (DELEUZE & GUATTARI, 1997)

A solução seria então praticar o finitismo semântico ao invés da semântica extensional. Parafraseando Wartmann & Veiga-Neto (2001), ao invés de tentar construir um conceito suficiente sobre Ciência da Informação ou sobre Informação, nós falaríamos extensivamente sobre isso, como isso se manifesta, como produz efeitos, como se relaciona com as outras coisas que já conhecemos.

... uma pergunta do tipo ‘o que é isso’ jamais pode ser respondida de modo acabado, completo, suficiente. Mas isso não significa alguma deficiência do entendimento humano, mas é a própria noção tradicional de conceito que é problemática: ela promete algo que não pode cumprir. Porque a própria linguagem com que dizemos o conceito é ambivalente’ (WORTMANN & VEIGA NETO, 2001 p.27).

Há, então, porções discursivas da Ciência da Informação voltadas às análises lógicas com perguntas do tipo “o que é isso e o que são aquilo ou aquelas outras áreas com que a Ciência da Informação se relaciona” e outras porções voltadas à investigação sobre as práticas dentro de análises de domínios específicos, como quer o dinamarquês Hjörland (1995). E que tem sido ressignificado como imbricamento entre os domínios na produção transdisciplinar do conhecimento como Gonzalez de Gómez (2003), Palmer & Newman (1999) ou Sundin (2001); são trabalhos que não buscam definições acerca do que é informação mas buscam compreensões

de como funcionam as práticas informacionais em áreas de trabalho específicas. E aí sim, é importante a representação que profissionais fazem da informação ou das práticas informacionais; é importante conhecer as estratégias com as quais eles se relacionam com as informações, seja para produzir seus conhecimentos e práticas, seja para divulgá-los entre pares da área do domínio quanto entre pares políticos partícipes do contexto daquela pesquisa ou prática; a análise do domínio não diz respeito somente ao conhecimento publicado, ou ao conhecimento tácito que ainda será publicado, mas a intrincadas redes de relações e de poder o que pode ficar visível no funcionamento da materialidade discursiva de que fala Hjörland (1995), desde que os textos sejam lidos como monumentos e não apenas documentos, protegidos no com (domínio).

6 O TEXTO-REI E A LEITURA-MONUMENTO

Com quais teorias da história vamos ficar para falar de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação? No eixo Rio-São Paulo os discursos sobre Documentação e Ciência da Informação nas décadas de 70-80 repunham regularidades discursivas percebidas no começo do século vinte até os anos 60, discursos esses travados por europeus e americanos na querela Documentação/Ciência da Informação. O Rio de Janeiro oferecia um curso de pós graduação em Ciência da Informação desde o início dos anos 70 enquanto nos meios paulistas, a Ciência da Informação era considerada algo ‘pretensioso’ no livro, não por acaso chamado ‘O que é documentação’ em Smit (1987); a presença de tal livro no cenário brasileiro dos anos 80 repõe regularidades discursivas da querela, tal como se nos apresenta, a arqueologia de Freitas (2003); ao contar a história dos sentidos da Ciência da Informação Freitas se vê diante de monumentos: “Os textos lidos ... terminaram por surgir como monumentos dessa própria história ...” (FREITAS, 2003 p.02)

A autora identifica nas lutas de fissão do passado documentalista, as lutas da fusão no presente cientificista americano; a consulta às diretrizes curriculares brasileiras é suficiente para atestar as lutas da fusão brasileira, onde a Ciência da Informação aparece como área abrangendo os cursos Biblioteconomia/Arquivologia/Museologia.

A leitura dos textos como monumento é talvez uma leitura adequada para superar o texto-Rei de Hjörland. Na mesma linha de leitura-monumento, Lucas (2003) problematiza o texto-Rei, entendendo-o como discurso e, portanto, como algo que está além do texto. Assim, os tesouros e vocabulários controlados do domínio, ao estabilizarem sentidos passam a funcionar como novos dispositivos de significação, travando quiçá, o sentido novo que o texto possa liberar. Por isso, o texto a que se refere Hjörland é um texto-Rei; as origens cientificistas das áreas em questão, baseadas no modelo informacional deixaram de fora a questão do sentido e do conflito de interesses em jogo na luta por produzir, acumular ou veicular informações; ou seja, ficaram de fora, esclarecimentos quanto às condições sociais de produção do sentido dos textos como esclarece Martín-Barbero (1987).

Assim, um autor clássico da comunicação dos anos 80 (estudado ainda quanto à operacionalização das mediações apontadas) pode ser útil para a Ciência da Informação, especialmente agora quando estamos diante de atualizações de nossas nomenclaturas e compreensões, como é o caso do GT 3: Mediação, Circulação e Uso da informação. Da mesma forma autores como Hjörland podem ser úteis para os comunicadores para o entendimento do ethos científico e das complexas questões de recuperação e linguagem.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORELLI, Sílvia H S. Telenovelas brasileiras: balanços e perspectivas. **São Paulo Perspec.** vol.15 no.3 São Paulo July/Sept. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300005. Acesso em 28.07.2005

COUTINHO, Eduardo G. **Cronista-folião; uma voz minoritária.** IN: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXIV, 2003 Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação INTERCOM; Disponível em < http://www.intercom.org.br/papers/congresso2003/pdf/2003_NP13_coutinho.pdf>. Acesso em: 28/07/2005

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **Mil Platôs; capitalismo e esquizofrenia.** Vol. 1. São Paulo, Editora 34.

DERVIN, B.; Nilan, M. Information needs and uses. **Annual Review of Information Science and Technology**, ASIS, v. 21, p. 3-33, 1986

FREITAS, L. S. **Sentidos da história e história dos sentidos da ciência da informação:** um esboço arqueológico. Disponível em:< <http://www.unirio.br/cead/morpheus/Numero02-2003/lidiafreitas.htm> >. Acesso em 28.07.2005

HJØRLAND, B.; Albrechtesen, H. Toward a new horizon in Information Science: domain-analysis. **JASIS**, v.46 n.6, 1995

HJØRLAND, B. Arguments for Philosophical Realism in Library and Information Science. **Library Trends**, 52(3), 488-506. (2004). Disponível em < http://www.db.dk/bh/Realism_Library%20Trends.pdf> . Acesso em 28.07.2005

GONZÁLEZ de GÓMEZ, M N. et al. Quem é o sujeito da pesquisa inter e transdisciplinar: buscando desenvolver um modelo de análise. IN: **ENANCIB, V**, (Anais eletrônicos) 2003. Belo Horizonte, 2003 GT Epistemologia .

LUCAS, R. C. Discurso acadêmico disponível em ciências humanas: o funcionamento discursivo da indexação em uma base de dados bibliográfica computadorizada. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.1, n.1. p.12-21, jul/dez 2003

MARTÍN-BARBERO J. **Dos meios às mediações** - comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1987

PALMER, C.; Newmann, L. J. **Interdisciplinary humanities scholars and hybrid information environments.** Disponível em:< www.iath.virginia.edu/ach-allc.99/proceedings/palmer.html> Acesso em 28.07.2005

PINO, A. Técnica e semiótica na era da informática. **Contrapontos**. Itajaí:Ed.UNIVALI, 3(2): 283-296, 2003

RONSONI, Vanessa. A etnografia crítica da recepção; miniaturas em campo. IN: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, XXIV, 2001, Campo Grande. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Anais eletrônicos da INTERCOM). Campo Grande, 2001.

SUNDIN, Olof **Information strategies and professional identity**: a study of nurses' experiences of information at the workplace Information Research, Volume 6 No. 2 January 2001. Disponível em :<http://informationr.net/ir/6-2/ws6a.html>

SMIT, J. **O que é documentação**. São Paulo: Brasiliense, 1986

VEIGA-NETO, A Paradigmas? Cuidado com eles! IN: Costa, M. V. **Caminhos investigativos II; outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 35-47

VYGOTSKY, L. Manuscrito de 1929. **Educação & Sociedade**; Revista quadrimestral de Ciência da Educação, Campinas, v. 21, n.71, p.21-44, 2000.

VYGOTSKY, L. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, L. **Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, L. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WORTMANN, M. L. C. & VEIGA-NETO, A. **Estudos culturais da Ciência & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.